

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo Class.: 92

Data: 17/07/87 Pg.: 11

Os índios levam Exército à prontidão

BOA VISTA
AGÊNCIA ESTADO

O Exército já está de prontidão em Roraima, pronto para entrar em ação caso os índios do Norte do Território, onde a tensão é grande, mantenham sua disposição de viajar até a capital para forçar a libertação de 15 macuxis. Eles estão presos sob a acusação de seqüestro de três peões da fazenda Guanabara, mantidos em cárcere privado durante 16 horas na maloca Santa Cruz, localizada em Normandia, distante 150 quilômetros de Boa Vista.

Embora o comandante da Guarda Militar da Fronteira, coronel Joécio de Campos Silveira, que é também comandante do 6º Batalhão de Engenharia de Construção, garan-

ta que o clima ainda "é de tranquilidade", o comandante do 2º Batalhão Especial de Fronteira, coronel Telmo Botelli, já tem tudo preparado para deslocar homens e equipamentos para apoiar a ação do Pelotão de Fronteira aquartelado em Normandia, na divisa com a República Cooperativista da Guiana. O major Riceto, do 12º Esquadrão de Cavalaria Mecanizada, ressalta que "a tropa está preparada para qualquer eventualidade".

De acordo com informações do prefeito de Normandia, Sebastião Costa, "a situação na maloca Santa Cruz — localizada a cinco quilômetros do centro da cidade — preocupa bastante. O bispo diocesano, d. Aldo Mongiano, e vários padres estão em reunião permanente com os índios e

não sabemos a que vai levar tudo isso caso não haja uma pronta intervenção das autoridades". Segundo fontes da Polícia Federal, os índios continuam descendo da serra da Cuieira para a maloca e entre eles há muitos que estão vindo da Guiana, atravessando a fronteira pela vila de Gold Hope, nas proximidades de Normandia.

Os três peões acusados de esturpar uma índia e seqüestrados domingo pelos macuxis na fazenda Guanabara — Rosivaldo Silva, José Carlos Rosa e Carlos Antônio Bezerra — foram apresentados à imprensa em Boa Vista, mostrando muitos sinais de espancamento sofrido durante o tempo em que ficaram em poder dos índios. Enquanto isso, os 15 macuxis presos pela polícia civil, em

ação comandada pelo secretário de Segurança, coronel Menna Barreto, continuam presos na Penitenciária Agrícola de Boa Vista, à disposição do juiz Aluísio de Sá Peixoto, a quem foi encaminhado o inquérito sobre o seqüestro. O advogado Wilson Précuma, contratado pela Diocese de Roraima para defendê-los, deve entrar ainda hoje com pedido de *habeas corpus* no Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios, em Brasília, para conseguir sua libertação.

O delegado da Funai em Roraima, Esmeraldino Neves, respondeu ontem às críticas feitas em Brasília pelo bispo d. Aldo Mongiano, que acusou o órgão de omissão quando da prisão dos índios. Neves revelou que soube dos incidentes na maloca

Santa Cruz na segunda-feira pela manhã e imediatamente providenciou a ida de uma equipe ao local, composta de um indigenista, um técnico, um médico e um policial federal. Mas, em razão das chuvas, o avião não pôde decolar, só o fazendo no dia seguinte. Essa equipe acompanhou os índios presos até Boa Vista e o assistente jurídico do órgão também está cuidando do caso, ressaltou o delegado.

A Polícia Federal, embora o diretor do departamento em Roraima, Daniel Norberto, não confirme e nem desminta, já teria recebido determinação do diretor-geral, Romeu Tuma, para investigar o envolvimento dos padres — especialmente um deles, Giorgio Dal Bene — no seqüestro dos três peões. A Polícia Federal re-

cebeu informação de que na missa rezada domingo, em Normandia, Dal Bene teria feito um sermão incentivando os índios a responder às agressões dos brancos.

A maloca Santa Cruz fica dentro da fazenda Guanabara, de propriedade do pecuarista Newton Tavares. Com 15 mil hectares, ela já tem título definitivo há mais de 50 anos e nunca houve qualquer problema mais grave, já que os índios ocuparam pacificamente uma gleba de terra onde plantam e chegam a trabalhar como agregados na fazenda. A única reclamação de Newton Tavares é de que nos últimos anos os índios vinham matando um maior número de reses para comer, o que levou a contratar os serviços de uma empresa de segurança, a Sacopã, que mantém homens na fazenda cuidando do gado.